GRUPO CORPO

LECUONA

(estreia 2004)

---

coreografia: **Rodrigo Pederneiras**
música: **Ernesto Lecuona**
cenografia e iluminação: **Paulo Pederneiras**
figurino: **Freusa Zechmeister**

---

duração 40 minutos

Cordas, muitas cordas. Um piano mavioso. Melodias que, beirando o kitsch, revelam-se aterradoramente belas. Vozes hiperbólicas, que não poupam vibratos nem agudos veementes – representantes legítimas e privilegiadas que são dos tempos idos (e saudosos) do canto impostado. E as letras, passionais, impetuosas, falando de amores ardentes, vorazes volúpias, ciúmes nefastos, corações partidos, saudades brutais, desprezo, rancor, indiferença...

Há exatos doze anos sem montar uma coreografia sequer que não tivesse trilha sonora original, o **GRUPO CORPO** foge à regra e rende-se à genialidade do maior ícone da música cubana de todos os tempos. Sobre doze canções e uma valsa do pianista e compositor **Ernesto Lecuona** (1895-1963), a mais perene e internacional companhia de dança do país ousa colocar em cena nada menos que doze pas-de-deux e uma única formação de grupo.

He pasado las horas buscándote
He pasado los días sin encontrarte
He pasado las noches soñando que me querías
Y me paso la vida suspirando por tu amor
Si esta música mía llega hasta ti
Te dirá muchas cosas que quisiera callar

Paixão ao primeiro acorde

O romantismo derramado das canções de Ernesto Lecuona capturou **Rodrigo Pederneiras** no primeiro acorde há cerca de vinte anos, quando o jornalista e crítico de arte João Cândido Galvão o presenteou com uma fita cassete reunindo obras do músico cubano. A fita incluía também peças para piano solo, mas foram as doridas canções de amor do célebre autor de *Siboney* que calaram fundo no coração bailarino do coreógrafo do GRUPO CORPO. Por mais de uma década e meia, em cada escala internacional da companhia mineira de dança, Rodrigo perseguiu sem sucesso outros registros sonoros do cancioneiro de Lecuona. Até que, em maio de 2002, quando a fita já havia degradado, João Cândido não se encontrava mais entre nós e o GRUPO CORPO fazia uma turnê pelos Estados Unidos, ele e o grupo acharam de dar uma esticada em San Francisco, depois de uma apresentação em Stanford. Passeando pela lendária

Haight Street, berço do movimento hippie, Rodrigo deu com uma filial da Ameba Records, conhecida pelas raridades de seu acervo. Por desencargo, fez a busca de sempre. E, bingo!, para a sua surpresa, lá estava *Ernesto Lecuona... su piano, orquesta y... sus intérpretes* – um CD com doze canções e uma valsa do artista cubano, com direito a acompanhamento do próprio ao piano.

Não foi preciso mais que uma audição do CD para Rodrigo Pederneiras guardar uma certeza: a de que, mais dia menos dia, montaria um balé com as canções de Lecuona, por ele mesmo, *su orquesta y... sus intérpretes*. Para sua tristeza, no entanto, o desejo esbarrava na diretriz adotada pelo GRUPO CORPO desde 1992 de só montar coreografias a partir de trilhas especialmente compostas. O destino conspirou a favor de Ernesto Lecuona, de Rodrigo Pederneiras e de todos nós, admiradores e aficcionados da requintada arte processada pelo GRUPO CORPO. Com a intensificação da agenda internacional do grupo, desde 1998 a programação de estreias havia passado a ser bienal, e não mais anual. Naquele 2002, estreava *Santagustin*, com música de Tom Zé e Gilberto Assis, e Caetano Veloso e José Miguel Wisnik já estavam engatilhados para parceirar na criação de uma nova trilha para a estreia de 2004. Mas o que fazer com a comemoração dos 30 anos do grupo, em 2005 – ano ímpar, e, portanto, sem previsão de estreia?

Resumo da ópera: acolhendo-se o projeto *LECUONA*, resolvia-se o impasse. A coreografia sobre a música encomendada a Caetano e Wisnik ficaria para 2005, coroando os 30 anos de atividade do grupo, e, em 2004, *LECUONA* subiria à cena como a exceção que confirma a regra das trilhas especialmente compostas. E assim ficou decidido.

El amor que yo he soñado
Me ha mirado y me ha besado
Y me ha dicho que me quiere
Que solo yo seré su amor
En mi alma ha renacido
La esperanza de mi añelo
El amor que yo he soñado
Al fin llegó a mi corazón

A exceção que confirma a regra

Adquiridos os direitos do disco, no primeiro semestre de 2003, Rodrigo dava início aos primeiros esboços da escritura coreográfica do balé que por tantos anos intuiu e com tanto entusiasmo acalentou desde aquele momento fatídico em que pôs as mãos (e os ouvidos) no CD arrematado na Ameba Records, de San Francisco, Califórnia. Ao longo de pouco mais de um ano, nos intervalos das turnês nacionais e internacionais do CORPO, o coreógrafo e seus parceiros de criação – a figurinista **Freusa Zechmeister** e **Paulo Pederneiras**, que assina a cenografia e a iluminação do espetáculo – , deram alma e tradução cênica às doze canções sentimentais e românticas e à grande valsa final que compõem o balé, de 40 minutos de duração.

O resultado tem cores vibrantes, usa tecidos fluidos, decotes generosos e sapatos de salto, dança em cubos de luz e esbanja sensualidade.

Os casais que protagonizam cada uma das doze canções de amor de Ernesto Lecuona têm cada qual a sua cor. O cenário de luz criado por Paulo Pederneiras, delimita o espaço cênico ao projetar cubos luminosos monocromáticos de tons quentes, com 8m X 7,5m, que deslocam-se na caixa-preta conforme o vai-da-dança do par romântico da vez. Dominadores, os rapazes entram em cena sobre sapatos sociais de verniz, envergando camisas, camisetas ou regatas e calças de cós, em diversas matizes de preto. Em vestidos vaporosos, com fendas e decotes variados, as fogosas damas de *LECUONA* sobem em saltos de 4,5 a 9 cm e colorem-se, dos pés à cabeça, com uma única cor, que dialoga com o tom de luz definido por Pederneiras para acompanhar o casal: rosa-shocking para uma, azul-turquesa para outra, laranja para aquela outra, amarelo, verde-abacate, azul-rei, e assim por diante.

– Eu desenhei e criei vestidos que eu gostaria de estar usando para dançar aquelas canções maravilhosas de Ernesto Lecuona, que fizeram parte da minha juventude, conta a arquiteta e figurinista Freusa Zechmeister. Há mais de duas décadas criando figurinos para o GRUPO CORPO, ela recorre desta vez a transparências, drapeados e superposições, trabalhados em malhas, musselines, tules e stretchs.

Em contraste com a sequência de 38 minutos de pas-de-deux, nos pouco mais de dois minutos da valsa final, o espaço cênico se amplia e, pouco a pouco, as pernas das coxias vão-se fechando, e ajudando a formar um gigantesco cubo de espelhos (13m de largura, 8 de profundidade e 6 de altura). Graças ao jogo de espelhos e a uma contraluz que transforma em silhueta os casais de carne e osso, e cria a ilusão de iluminar de frente suas imagens projetadas, com apenas seis pares de bailarinos em cena – elas em longos brancos e esvoaçantes, eles de calças e camisas negras –, Paulo Pederneiras transforma o número final na sombra luminosa de um grande baile de tempos que não voltam mais.

Recordar
Tenerte otra vez
Cual sombra fugaz
De un anochecer
Soñando contigo
Y recordar
Mirar hacia atrás
Buscaré añorar
Lo que fui

Mírame, con la magia de tus ojos
Bésame, con el fuego de tus labios
Quiéreme, con tu vida que és mi vida

Mírame, bésame, quiérame

(AL FIN - Ernesto Lecuona)

Ernesto Lecuona, o 'Gershwin cubano'

Nascido em Guanabacoa, povoado próximo a Havana, em 7 de agosto de 1895, Ernesto Lecuona recebeu suas primeiras lições de piano da irmã mais velha, transformando-se rapidamente em um menino prodígio. Aos cinco anos de idade, fazia sua primeira apresentação pública; aos onze tinha a primeira composição editada, passando a acompanhar ao piano fitas de cinema mudo; entre os doze e os treze, escrevia os temas das primeiras comédias musicais apresentadas em Cuba, no Teatro Martí, com libretos assinados por seu irmão, Fernando Lecuona; aos dezessete graduava-se no Conservatório Nacional de Música de Havana, abocanhando o primeiro lugar e uma medalha de ouro. Em 1920, dava início à sua carreira internacional, apresentando obras de concerto para piano solo de sua autoria na prestigiosa Aeolian Hall, em Nova Iorque. No início dos anos 20, Lecuona daria seguimento a seus estudos musicais na França com Maurice Ravel. Tornou-se um dos mais importantes concertistas de piano do mundo em sua época, realizando inúmeras turnês pela Europa, os Estados Unidos e a América Latina. Reunindo 176 peças para piano solo e 37 para orquestra, sua obra para concerto é tida como uma importante contribuição para a música do século XX. Capaz de transitar com facilidade entre o erudito e o popular e dotado de prodigiosa inspiração melódica, Lecuona escreveu mais de quatrocentas canções, gravadas por artistas do calibre de Elvis Presley, Bing Crosby e Frank Sinatra, entre inúmeros outros, angariando o epíteto de 'Gershwin cubano'. Autor de onze trilhas para o cinema holywoodiano, em 1942, chegou a ser indicado para o Oscar de Melhor Canção pela música-tema do filme *Always in My Heart* (*Siempre em mi Corazón*), que fez grande sucesso no Brasil nas vozes de Orlando Silva e Nelson Gonçalves. Sua obra para o cinema inclui ainda filmes produzidos em Cuba, na Argentina e no México. A música-título do mexicano *Maria La O* também entrou para as paradas brasileiras em gravações de Francisco Alves e Ary Barrozo, nos anos 50, sendo regravada mais recentemente por Caetano Veloso no CD *Fina Estampa*. Ligado também às artes cênicas, o músico cubano acumula em seu currículo uma farta produção de zarzuelas, operetas, teatros de revista e balés. O mais ambicioso projeto de Lecuona para o teatro, no entanto, permanece inédito: *El Sombrero de Yarey*, a única ópera de sua autoria, sobre a qual trabalhou por anos a fio, até as vésperas de sua morte, jamais foi recuperada na íntegra. Apesar da intensa carreira internacional, Ernesto Lecuona permaneceu sediado em Havana até 1960, quando a revolução cubana o levou a deixar o país e radicar-se na Espanha. Já muito doente, Lecuona decidiu conhecer a terra natal de seu pai, Santa Cruz de Tenerife, nas Ilhas Canárias, onde viria a falecer em 29 de novembro de 1963.

Texto: **Angela de Almeida**
Julho/2004